

**Encontros, sabores e experiências entre grades:
processos educativos sobre alimentação e saúde**

*Meetings, tastes and experiences between bars:
educational processes on food and health*

Rute Ramos da Silva Costa¹
Lorrene Rodrigues Pimentel²
Bianca Azevedo Lima²
Jaína Schumacker Frez²
Larissa Costa Ferreira Viveiros²
Shayenne Noia Hubner²
Lara Moraes Leal Azeredo²

Resumo

Este relato da experiência apresenta as ações de Educação Alimentar e Nutricional desenvolvidas por graduandas e docente de Nutrição da Universidade Federal do Rio de Janeiro e por adolescentes e agente socioeducativo de uma unidade de recursos integrados, cujo regime é de semi-liberdade. Adotou-se a Educação Popular em Saúde como referencial teórico e o Arco de Maguerez como ferramenta metodológica de problematização. A comida foi um mediador importante de todo o processo educativo, que se inspirou na realidade dos sujeitos para pensar a promoção da saúde, nas suas múltiplas dimensões. As atividades foram bem avaliadas pelos sujeitos e provocaram reflexões importantes para as graduandas a respeito dos impactos das desigualdades na vida dos adolescentes participantes.

Palavras-chave: Educação alimentar e nutricional. Educação popular em saúde. Adolescentes institucionalizados.

Abstract

This experience report presents the actions of Food and Nutrition Education developed by undergraduates and Professor of Nutrition of the Federal University of Rio de Janeiro and by adolescents and socio-educational agent of an integrated resource unit, whose regime is semi-free. The Popular Education in Health was adopted as theoretical reference and the Arch of Maguerez as a methodological tool of problematization. Food was an important mediator of the whole educational process, which was inspired by the reality of the subjects to think about the promotion of health, in its multiple dimensions. The activities were well evaluated by the subjects and elicited important reflections for the students about the impacts of the inequalities in the life of the participating adolescents.

Keywords: Food and nutritional education. Popular health education. Institutionalized youth.

¹ Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) - Macaé/RJ, Brasil.

Docente do Curso de Nutrição (UFRJ).

e-mail: ruteatsoc@gmail.com

² Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) - Macaé/RJ, Brasil.

Discente de Nutrição (UFRJ).

e-mail: lolarpimentel@gmail.com; b.limazevedo@gmail.com; frez.jaja@gmail.com; larissacostac@hotmail.com; shayenne.hn@gmail.com;

laraleal.nutri@gmail.com

1 Introdução

Entendemos a Educação Popular em Saúde (EPS) como uma ferramenta estratégica na formação de profissionais nutricionistas comprometidos com o princípio do Direito Humano à Alimentação Adequada, que só se realiza quando são asseguradas as condições necessárias para que as pessoas estejam livres da fome e tenham acesso a uma Alimentação Adequada e Saudável (AAS) (CRUZ; NETO, 2014). Cabe destacar que este conceito de AAS, elaborado de forma participativa pelo Conselho Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional a partir do enfoque interseccional de Segurança Alimentar e Nutricional, busca superar uma visão biologicista da alimentação, articulando os aspectos nutricionais às dimensões sociais, ambientais, econômicas, educacionais e culturais (SCHOTTZ, 2014).

Sendo assim, a EPS deve ser valorizada por sua contribuição para melhorias nas políticas públicas, maior inclusão social e por proporcionar uma abordagem mais complexa e crítica da alimentação ao propor práticas educativas baseadas na interação com grupos populares, na valorização dos diferentes saberes, no respeito aos sujeitos e na reflexão crítica a partir da observação da realidade.

Desde 2016, a disciplina Educação Alimentar e Nutricional 2 (EAN 2) tem atuado junto a grupos populares a partir de encontros de vivências que são norteados pela metodologia da problematização. Neste trabalho, apresentamos um recorte dessa experiência, realizada ao longo do primeiro semestre de 2018: interação entre discentes e docentes de EAN 2 (UFRJ/Macaé), adolescentes que estavam cumprindo medidas socioeducativas em regime de semiliberdade no CRIAAD (Centro de Recursos Integrados de Atendimento ao Adolescente) e um agente socioeducativo.

No âmbito da disciplina de caráter extensionista, EAN 2, oferecida aos estudantes do 6º período do curso de graduação em Nutrição da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Campus Macaé, são desenvolvidas práticas educativas junto a grupos e comunidades. Tais ações são orientadas pela perspectiva teórica e metodológica da EPS que adota como princípios: a valorização do saber popular, a construção coletiva do conhecimento a partir da interação horizontal entre educandos e educadores e o desenvolvimento de metodologias que contribuam para formar indivíduos e coletivos críticos e autônomos.

2 Desenvolvimento

Esse relato de experiências se insere na abordagem qualitativa, tendo como fonte de dados os relatos produzidos pelas discentes sobre as práticas educativas desenvolvidas nos meses de maio a junho de 2018, junto aos adolescentes que cumpriam um regime de semiliberdade. O CRIAAD está localizado no município de Macaé/RJ, porém recebe adolescentes da região norte fluminense.

Adotamos como o referencial teórico: a educação popular (FREIRE, 1978,1987, 2011), educação popular em saúde (BRASIL, 2007, 2013, 2014), a educação alimentar e nutricional (BRASIL, 2012) e o estatuto da criança e do adolescente (BRASIL, 1990). Como ferramenta metodológica optamos pelo Arco de Magueres (AM) que se desenvolve a partir de 7 etapas (COLOMBO, BERBEL, 2007): 1. a aproximação com a realidade; 2. a eleição coletiva de uma questão problema para ser trabalhada (no que tange ao campo da alimentação, nutrição, cultura e ou educação); 3. delimitação do tema (coletivamente); 4. estudos sobre o tema elegido; 5. busca de soluções; 6. aplicação das soluções à realidade e; 7. avaliação dos resultados.

Ao todo foram realizados oito encontros que seguiram os passos propostos pelo AM. Do total de encontros, quatro foram realizados diretamente com os adolescentes do CRIAAD, enquanto os outros quatro foram destinados à supervisão, em sala de aula. Antes da primeira ida ao campo prático houve um encontro em classe com as discentes e a docente supervisora a fim de acordarmos leituras de aprofundamento sobre os temas pertinentes, listados no referencial teórico. Além disso, elencamos alguns textos científicos sobre desigualdades raciais e sociais (RIZZO, FONSECA, 2018;

FERNANDES, 1976), músicas (A exemplo de “Boa Esperança” de Emicida, disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=AauVal4ODbE>) e poesias (A exemplo de “Olhos d’água”, de Evaristo, 2016). Apesar deste ato de se debruçar sobre a literatura ser imprescindível, não há nada que substitua o contato pessoal com os adolescentes participantes.

A primeira atividade prática visava aproximação dos sujeitos e realidades. Por isso, lançamos mão da brincadeira “Batata Quente”, para criar um espaço de descontração e apresentações dos nomes, da naturalidade e das qualidades pessoais. Reunidos nas dependências do refeitório da unidade, estavam 6 graduandas de nutrição, 1 agente socioeducativo e 9 adolescentes. Deles, 25% eram de cor preta, 57% pardos e 18% brancos, a idade média era 15,4 anos, todos oriundo de bairros periféricos das cidades de Macaé (Lagomar, Botafogo, Fronteira, Malvinas), Quissamã (Santa Catarina, Caxias), Rio das Ostras (Âncora e Centro).

A participação do agente foi fundamental, tanto na construção de vínculos com os jovens, quanto no desenvolvimento das ações educativas. Havia respeito e apreço dos adolescentes por este ator social. Podemos citar um fato que ocorreu durante a sua apresentação: após dizer o seu nome e cidade de nascimento, o agente elegeu a palavra “trabalho” como uma de suas qualidades pessoais. Nesse momento, ele foi interrompido por um dos rapazes que disse: “Não seu J.A., sua qualidade é ensinar” (C. 14 anos).

Aproveitamos este primeiro encontro para apresentar e degustar uma variedade de batatas utilizadas no decorrer do jogo, a saber: inglesa, baroa, doce branca, doce roxa, asterix e yacon, seja nas formas cruas e/ou cozidas. Conversamos sobre esses alimentos, seus usos culinários, preços de mercado, características nutricionais e técnicas de preparo. À medida que dialogávamos, saboreamos a comida, compartilhamos os nossos hábitos alimentares e memórias afetivas ligadas à alimentação.

Após este primeiro momento, os adolescentes nos apresentaram a horta, onde são desenvolvidas ações do projeto intitulado “Que mato é esse?” e eles nos deram uma aula sobre a produção agroecológica. O plantio, cuidado e colheita, realizados neste projeto objetiva promover reflexões sobre a vida, a partir da interação com a natureza, o cuidado consigo e com os outros, o processo de autoconhecimento e decisões a respeito dos relacionamentos e companhias. Os alimentos produzidos por eles podem ser levados para as suas famílias, aos finais de semana, como também são doados à Casa de Idoso e para uma escola filantrópica que atende a pessoas com deficiência. Outra ação do projeto é a implantação de hortas em escolas públicas e unidades de saúde da família, pelos adolescentes do CRIAAD e em parcerias com os estudantes, servidores e usuários do Sistema Único de Saúde.

A horta do CRIAAD é ambiente amplo, com variedades de hortaliças (a exemplo da alface crespo, lisa, almeirão, bertalha, hortelã, couve manteiga, cebolinha, salsicha, alho), plantas frutíferas (pé de maracujá, limoeiro, mangueira, bananeira) e plantas trepadeiras para sombrear os canteiros (bucha vegetal e chuchu). Apesar de estar cercado de muros e grades o local pareceu conferir leveza à unidade, pois ali os adolescentes sentiram-se à vontade para conversar sobre o seu passado e expectativas de vida. No decorrer deste diálogo que os mesmos expressaram anseios aprimorar as suas habilidades culinárias e ainda, por construir conosco uma horta na universidade, pois desse modo poderiam conhecer, interagir em um espaço visto como inalcançável, do ponto de vista acadêmico.

No intervalo das visitas ao CRIAAD realizávamos encontros de supervisão, em sala de aula. Ao revisitarmos as experiências, a luz do AM e do Marco de Referência em Educação Alimentar e Nutricional para as políticas públicas (BRASIL, 2012), percebemos a necessidade de confirmação, junto aos participantes, dos pontos-chave que norteariam a segunda fase. Além dos momentos em sala de aula e na unidade, a rede social foi uma ferramenta de comunicação importante para fortalecer os laços da equipe universitária, subsidiar a organização das atividades e manter vivo o diálogo. Ali acolhemos as preocupações, angústias, tristezas e esperanças, que emergiam no decorrer do processo.

No segundo encontro prático queríamos verificar e confirmar os pontos-chaves, ou seja, o “aprimoramento de habilidades culinárias” e o “desenvolvimento de uma horta universitária”. Neste dia, iniciamos o planejamento da horta universitária. A comida, mais uma vez, mediou o encontro, no entanto, desta vez todos foram convidados a prepará-la conosco. Enquanto alguns adolescentes foram à horta colher maracujá e limões, no refeitório, organizamos equipamentos e utensílios de cozinha para a elaboração de vitaminas de limão e maracujá com leite gelado. Enquanto experimentávamos as vitaminas, continuamos o diálogo sobre a proposta da horta universitária, listando as ferramentas, materiais de construção e outros itens necessários para a confecção da horta (terra, adubo, kit de jardinagem, materiais para instalação hidráulica e para o sombreamento do espaço).

Como alguns deles não sabiam escrever, incorporamos os desenhos e pinturas do layout do espaço, como forma de participação. À medida que retratavam e pintavam, os adolescentes faziam analogias com a própria vida e seu anseio por liberdade. Após esta etapa, ponto central do debate foi a autonomia culinária, definida por Oliveira (2018) como a capacidade de pensar, decidir e agir para cozinhar refeições em casa, e que é um dos elementos determinantes na ampliação da liberdade de escolhas alimentares, no auto cuidado e independência da indústria de produtos alimentícios ultraprocessados.

Além de dialogar sobre a alimentação, do ponto de vista nutricional, evocamos as dimensões culturais e sociais das práticas alimentares, sabendo que todos esses aspectos influenciam a saúde e o bem-estar.

A constatação da realidade social e racial dos adolescentes nos impulsionou ao debate, em supervisão, sobre o racismo como elemento crucial para as desigualdades, de modo a impactar, inclusive a realização plena do Direito Humano à Alimentação Adequada (DHAA). Seguindo a etapa do AM, a teorização, decidimos nos aprofundar nesta temática e para isso, pedimos o auxílio de um professor membro do Núcleo de Estudos Afro-brasileiro e Indígena da cidade universitária de Macaé (Neabi Macaé). Nesta aula, compreendemos os conceitos do racismo estrutural e institucional e os reflexos na vida de jovens negros (expectativa de vida, encarceramento, anos de estudo, média salarial e causas de morte).

Passamos a perceber a perversidade do sistema capitalista que se nutre das desigualdades e naturaliza as discriminações. Debaixo deste jugo, o oprimido é responsabilizado por seu fracasso e desafios, ocultando as origens das mazelas sociais. Os socioeducandos do CRIAAD vivem exatamente essa privação de ascensão social à medida que seus sonhos são negados por estarem inseridos em ambientes em que as oportunidades, muitas vezes estão relacionadas ao tráfico de entorpecentes (EUZEBIOS, 2009).

Invisíveis antes de serem institucionalizados, os adolescentes passam a existir durante o cumprimento de medidas socioeducativas, porém ao retornarem para seus lares voltam a sofrer as mesmas violações geradas pelas desigualdades social, racial, de classe e no acesso aos alimentos de qualidade e em quantidade suficiente. São condenados diariamente e assim, não há problematização das suas expectativas a ponto de se romper, ideologicamente, com a lógica social que lhes são impostas (EUZEBIOS, 2009).

Paulo Freire, em *Pedagogia do Oprimido*, discute a emancipação do oprimido para se tornar em sujeito consciente e autor da sua própria história. O autor anuncia a libertação do oprimido através de processos de ação e reflexão, por meio do qual é possível pensar em um novo projeto de sociedade. Neste sentido, a educação não se trata do acúmulo de conteúdos, mas da transformação de uma consciência ingênua à consciência crítica, onde é possível ler o mundo e pensar a humanidade (FREIRE, 1987).

A terceira atividade prática consistiu na realização de uma oficina culinária baseada nas ideias de “comida de verdade” e “comensalidade”, apresentadas pelo Guia Alimentar para População Brasileira (GAPB) (BRASIL, 2014). A comida de verdade, a que o GAPB enuncia como referência,

trata-se de um direito humano, uma alimentação mais próxima ao estado natural dos alimentos e que carrega em si valores; saúde; identidade; sustentabilidade ambiental, econômica e social. Como referência para a educação alimentar e nutricional, o GAPB tem importante papel orientador, pois

[...] fornece orientações confiáveis sobre alimentação adequada e saudável, apoia as escolhas alimentares saudáveis e contribui para a reflexão crítica acerca dos determinantes da alimentação, como os sistemas alimentares, o impacto das escolhas sobre o social, a economia, o ambiente e a cultura. Dessa forma, constitui importante subsídio para a construção da alimentação adequada e saudável, tanto para profissionais quanto para a população. (BRASIL, 2014).

O objetivo do encontro, para além de atender a uma demanda dos sujeitos, isto é, desenvolver as habilidades culinárias, visava ainda, estimular o trabalho coletivo. Preparamos, em comunhão, um hambúrguer artesanal com carne moída, farinha de aveia, cenoura, ovos e condimentos. Todos ocuparam uma estação, no processo de produção, desde a mistura dos ingredientes e a formação dos hambúrgueres, até a preparação dos molhos e montagem do sanduíche. Ao final, sentamos juntos para comer e dialogar sobre os sabores e prazeres da comida de verdade.

O último encontro de supervisão teve como finalidade principal continuar o planejamento da horta universitária, uma proposta feita no decorrer da nossa primeira visita ao CRIAAD. Neste dia nos dedicamos a confeccionar os memorandos de pedido de cessão de espaço físico no polo universitário, cartazes de anúncios sobre a horta para convidar a comunidade acadêmica a participar do projeto, identificar mecanismos de arrecadação financeira e pedidos de apoio aos órgãos públicos ligados à agricultura.

O quarto e último encontro prático intitulou-se “Semeando a esperança” e foi marcado por muitos ensinamentos sobre plantio, cuidado (manejo de pragas, combinação de hortaliças e flores para o controle de insetos, modos de regar, quantidade de água, entre outros). O agente socioeducativo foi quem ministrou o tema, compartilhando ideias e conhecimentos sobre os desafios e as potencialidades de produção de horta. Para encerrar o ciclo de encontros, realizamos o plantio de algumas sementes em “bandejas berçário”. Neste dia, além de termos uma aula sobre plantas, refletimos sobre a nossa própria vida e passagem por aquele local. O aprendizado junto àqueles adolescentes extrapolou o aspecto técnico de plantação, mas nos provocou a pensar sobre a nossa contribuição para um projeto de sociedade mais equânime, onde a comida seja um direito possível para todos (as). Assim finalizamos os nossos encontros ali.

Nesse dia, pudemos concluir que talvez nossa presença ali poderia ser uma semente de esperança. Antes do encerramento, um dos adolescentes que participou desde o primeiro encontro e, naquele dia, recebia a liberdade, compartilhou as suas impressões sobre os encontros realizados:

Ah foi bom, foi legal. Divertido também. A melhor coisa que aconteceu aqui dentro. Se não fosse a vinda de vocês, já teria descumprido. Os moleques daqui me levavam para o banheiro e me batiam. Não dá não. O que me impulsionou aqui dentro foi mais esses encontros mesmo, senão já teria ido embora, pulado o muro e ido embora. E por minha filha também. Foi muito bom estar com vocês, têm que voltar mais vezes. Porque tem muita gente aqui precisando conhecer vocês também (A., 18 anos).

Outro jovem também compartilhou suas impressões sobre os encontros:

Eu vejo a minha vida como um barco, indo para uma ilha. Eu vejo que é a liberdade. Muitos moleques tão nem aí. Eu quero sair daqui, ficar limpo. Quero voltar nunca mais, cara. Serinho. Mas as coisas que vocês fizeram. Ah, achei legal. Vocês tarem vindo aqui, não tratar a gente feito monstro. “Normalzinho”. Porque eu também quero fazer coisas legais (B, 16 anos).

A última aula da disciplina EAN 2 foi marcada pela apresentação das experiências vivenciadas dos grupos. Compartilhamos com os colegas de classe os nossos desafios em prática tudo que aprendemos na teoria. Para nós foi imprescindível praticar a empatia, a escuta, observar criticamente a realidade, e especialmente, buscar as soluções em conjunto. A experiência influenciou diretamente a nossa formação como educadores e educandos à luz do AM, potencializando as nossas qualidades e modificando nossas fragilidades, à medida que diversos temas foram refletidos. As realidades se afrontaram e pudemos observar todo o contexto que aqueles adolescentes vivenciam e vivenciaram até chegarem naquele ambiente. Toda a desigualdade social que estava por trás daqueles olhares pôde nos tocar e provocar uma reflexão profunda.

Uma das discentes elaborou um texto para ler, no encerramento da disciplina e que desejamos compartilhar neste relato:

Assim que chegamos ao CRIAAD e nos reunimos com os meninos pude observar que a maioria deles era da raça negra e que nitidamente não possuíam grandes poderes econômicos. Isso me fez questionar as outras facetas dessa tão cruel desigualdade presente na vida dos brasileiros. Uma das facetas da desigualdade é a injustiça, quem nasce pobre e negro, certamente terá um caminho bem maior a percorrer para chegar até as suas conquistas, ou seja, há grupos de pessoas que estão em vantagem em relação a outros. Vamos pensar a nível CRIAAD e UFRJ, como falei acima, no CRIAAD há predomínio de rapazes negros, já na UFRJ há predomínio de pessoas brancas. Eu por exemplo, moro em um bairro de comunidade aqui em Macaé, e quando pego o ônibus para vir para casa, quase sempre sou uma das poucas brancas no ônibus, porém quando eu ia para o projeto de extensão que participo, em uma escola que se localiza no bairro da Glória, que é um bairro nobre, observava que isso se invertia, havia predominância de pessoas brancas no ônibus. O que isso quer dizer? Isso quer dizer que o poder econômico está muito mais concentrado na população branca do que na negra. E isso é resultado uma herança histórica que já conhecemos, que iniciou lá na colonização do Brasil, que teve diversos resultados como a escravidão, por exemplo. As desigualdades presentes no CRIAAD não só raciais, econômicas e sociais, são desigualdades de oportunidades, de sonhos que se cessam e que muitas vezes a chance de ascensão social é vista através do crime (J. 23 anos).

3 Conclusão

Por meio da EPS é possível indagar nosso papel na superação da opressão e situações limite, demonstrando que a educação é indispensável para a busca da liberdade e transformação. O alimento e seus sabores foram os elementos que mediarão todo processo, desde: o compartilhamento das experiências de produção da horta pedagógica local; a execução de rodas de conversa sobre as suas memórias alimentares afetivas; as oficinas culinárias e os debates sobre os impactos do racismo na juventude negra.

A vivência nos mostrou a importância da EPS no contexto de desigualdade social e racial e apontou a necessidade de discussões sobre o racismo na formação do nutricionista a fim de descortinar as iniquidades expressas no contexto alimentar.

A vivência nos mostrou que as desigualdades raciais e sociais estão enraizadas na sociedade e que através da EPS podemos coletivamente transcender os muros da discriminação entre seres humanos, categorizados de acordo com suas características socioeconômicas e raciais.

Pretendemos seguir neste compromisso com uma educação que promova a transformação das consciências e da realidade material concreta, especialmente no tangente à alimentação, cuja falta expressa os processos mais perversos de desumanização.

Referências

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. **Marco de referência de educação alimentar e nutricional para as políticas públicas**. Brasília, DF: Ministério da Saúde; Secretaria Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional, 2012. 67 p.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Guia alimentar para a população brasileira**. 2. ed. Brasília, 2014.

BRASIL. Decreto lei nº 8069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente, e dá outras providências. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 16 jul. 1990. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/lei8069_02.pdf. Acesso em: 12 de junho de 2019.

BRASIL. Portaria nº 2.761, de 19 de novembro de 2013. Institui a Política Nacional de Educação Popular em Saúde no âmbito do Sistema Único de Saúde (PNEPS-SUS). **Diário Oficial da União**, 20 Nov 2013. 2013a

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa. Departamento de Apoio a Gestão Participativa. **Caderno de educação popular e saúde**. Brasília, 2007. 160 p.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa. Departamento de Apoio a Gestão Participativa. **II Caderno de educação popular e saúde**. Brasília, 2007. 224 p.

COLOMBO, Andréa Aparecida; BERBEL, Neusi Aparecida Navas. A Metodologia da Problematização com o Arco de Maguerz e sua relação com os saberes de professores. **Semina: Ciências Sociais e Humanas**, Londrina, v. 28, n. 2, p. 121-146, jul./dez. 2007.

CRUZ, Pedro José Santos Carneiro; NETO, José Francisco de Melo. Educação popular e nutrição social: considerações teóricas sobre um diálogo possível. **Interface**, [S. l.], v. 18, supl. 2, Botucatu 2014.

EUZEBIOS, Antonio Filho; GUZZO, Raquel Souza Lobo. Desigualdade Social e Pobreza: Contexto de vida e de sobrevivência. **Psicologia & Sociedade**, [S. l.], v. 1, n. 1, p. 35-44, 2009.

EVARISTO, Conceição. Olhos d'água. 1ed. Rio de Janeiro: Pallas, Fundação Biblioteca Nacional. 2016.

FERNANDES, Florestin. A persistência do passado. In: FERNANDES, Florestin. **O negro no mundo dos brancos**. São Paulo: Global Editora, 2007a.

FREIRE, Paulo. **Cartas à Guiné Bissau**: registros de uma experiência em processo. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. p. 1-107.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários às práticas educativas. 43. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

RIZZO, Tamiris Pereira; FONSECA, Alexandre Brasil Carvalho da. Entre grades, diálogos entre a educação popular e a promoção da alimentação saudável com adolescentes em cumprimento de medidas socioeducativas. **Revista Educação Popular**, [S. l.],v. 17, n. 2, p.114-130. Uberlândia, 2018.

OLIVEIRA, Mariana Fernandes Brito de. **Autonomia culinária**: desenvolvimento de um novo conceito. Tese (Doutorado em Programa de Pós-graduação em Alimentação, Nutrição e Saúde) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro. 2018, 155f.

SCHOTTZ, Vanessa. Em defesa da alimentação adequada e saudável. **Revista Agriculturas**, [S. l.], v. 11, n. 4, p. 4-7, 2014.

Recebido em: 31 de outubro de 2018

Aceito em: 14 de outubro de 2019